

InFormAÇÃO

www.jnd.ifsp.edu.br

Av. Dr. Cavalcanti, N°396, Complexo Argos, Vila Arens – Jundiaí - SP – 13201-003 Tel: (11) 2448-8500

Setembro Amarelo é voltado à conscientização de prevenção ao suicídio.

“Quantos mais precisarão morrer para que essa guerra acabe?”

Por Yara Oda

No dia 20 de setembro de 2019, o estado do Rio de Janeiro ganha mais uma vítima da violência. E a nossa história é novamente manchada por sangue inocente. A vítima é a garota de 8 anos, Ágatha Vitória Sales Félix, que foi morta no Complexo do Alemão, na Zona Norte do Rio. Ágatha estava voltando para casa a noite em uma Kombi, quando foi atingida por um tiro. Segundo testemunhas e familiares, o tiro foi disparado por um policial, numa tentativa de acertar uma moto que passava pelo local. Danilo Felix, tio da menina, afirma que "Não tinha confronto nenhum. Foi um único tiro. A moto passou, os policiais desconfiaram e acertaram na kombi onde estava a minha sobrinha". No entanto, a polícia militar apresenta outra versão, na qual a menina foi atingida durante um confronto. Segundo o coronel Mauro Fliess, porta voz da Polícia Militar (PM), "Somente uma investigação transparente vai poder mostrar as reais circunstâncias em que aconteceu esse fato. A PM reforça a versão apresentada pelos policiais militares, de que foram atacados de forma simultânea por marginais daquela localidade".

Acontecimentos fatídicos como esses nos fazem levantar questões como: a quem o programa de segurança pública, sobretudo, no estado do Rio de Janeiro, protege? Quem realmente sofre as consequências? Afinal, qual é o objetivo das políticas de segurança pública? A minuta da Política Nacional de Segurança Pública (PNaSP), de fevereiro de 2018, declara que segurança pública é “dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, exige o trabalho conjunto de todos os entes federativos, no sentido da implementação de políticas para a manutenção da ordem pública, garantia da incolumidade (ausência de riscos ou perigos coletivos) das pessoas, preservação da vida e do patrimônio e o enfrentamento à criminalidade em todas as suas formas”. No entanto, a estratégia adotada pelo atual governador do Rio, Wilson Witzel, trouxe um aumento no número de mortos em operações policiais e um aumento do risco de danos aos moradores das favelas cariocas, deixando bem claro a quem tal política protege e quem sofre as consequências.

O caso de Ágatha mobilizou diversos pensamentos e críticas sobre o projeto de políticas públicas de Witzel. O ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal (STF), fez a crítica, dizendo que "Os casos de mortes resultantes de ações policiais nas favelas são alarmantes. Ágatha é a quinta criança morta em tiroteios no RJ neste ano. Ao total, 16 foram baleadas no período. Uma política de segurança pública eficiente deve se pautar pelo respeito à dignidade e à vida humana". Assim, facilmente, podemos perceber que há uma parcela populacional, sobretudo a parcela pobre e negra, que sofre mais com a violência, principalmente nas favelas e comunidades carentes cariocas.

Já o presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, Helder Salomão, se manifestou fazendo o seguinte questionamento: “Cadê as políticas públicas que geram inclusão e diminuem a violência? Cadê o cuidado com os inocentes na hora da ação policial? Meus sentimentos e minha solidariedade aos familiares de Ágatha. Essa realidade de mortes e mais mortes de inocentes não pode persistir”.

Além disso, Luciano Bandeira, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-RJ), mostrou total indignação com o caso, chegando a ficar impressionado com a postura do governador de continuar procedendo com a mesma política de segurança. Luciano afirma que a situação chegou a um extremo tão grande, na qual uma criança, cujo único pecado que cometeu na vida é o de ser pobre, morre, corroborando que a política de segurança do Estado é voltada para uma política de extermínio, demonstrando que a política do estado não protege o cidadão, muito menos o mais vulnerável, que é aquele oprimido pelo tráfico e pelas forças de segurança do Estado. O Presidente da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), André Ceciliano (PT) também se posicionou sobre o caso, dizendo que “a violência é um dos maiores problemas do Estado do Rio. Afasta investimentos, empregos, e tira o direito de ir e vir das pessoas. As ações (policiais), porém, devem priorizar a preservação da vida tanto dos nossos policiais quanto dos cidadãos, que se tornam reféns dos bandidos. É preciso continuar investindo em inteligência, treinamento, sempre com o objetivo de valorizar vidas”.

Assim, perante a todas essas pressões, Witzel se manifestou, dizendo que sente um enorme pesar ao ver uma criança da idade de sua filha ser morta, culpando unicamente o crime organizado no Rio de Janeiro. No entanto, sob minha ótica, devo dizer que considero antiética a postura do governador, concordando com o posicionamento da antropóloga Debora Diniz, que disse via Twitter “Governador Witzel, não fale de justiça lembrando sua filha. Fale de crianças que não se parecem com sua filha, como era Agatha: uma menina negra que vivia na comunidade. Uma morte nunca é palanque: uma morte de criança é sempre uma tragédia. Nomeie como genocídio”. Logo, o caso de Ágatha, assim como os de muitas outras vítimas da violência no Rio de Janeiro, não serão esquecidos, ou muito menos, apagados, nos deixando com o questionamento de que “Quantos mais precisarão morrer para que essa guerra acabe?”, como bradava Marielle Franco.



“Eu só estou brincando.”

Por Anônimo

As três crianças brincavam no chão do quarto. As quatro paredes do cômodo não significavam nada perto de todo o mundo criado na imaginação delas. Em uma hora você é um rei, que comanda uma gigantesca realeza, usa uma coroa brilhante e um manto vermelho e carrega uma espada, de brinquedo, mas ainda assim é uma espada. E em outra hora, você é um astronauta, solto pelo espaço, nem o céu é o limite. Você viaja por galáxias, descobre vários planetas, conhece vários ETs, usa uma fantasia de astronauta, fantasia não, traje. Mas isso pelo menos para Mateus. Para Jessica, sua irmã, as brincadeiras são outras, mais para o tipo dela, digamos que mais domésticas, como brincar de cuidar da casa, com sua máquina de lavar louça de brinquedo, que vem com várias panelinhas, garfos, pratinhos de plásticos, ou limpar a casa com sua mini vassourinha, mini pазinha, mini rodinho, e não podemos esquecer-nos dos filhos. Jessica tem apenas quatro anos, mas já é mãe de três lindos filhos, João, Gabriel e Marina, cada boneca de um tamanho diferente. Mas toda essa segregação dos tipos de brincadeira e brinquedos não incomodavam nenhum um pouco as crianças, se até os pais delas acham normal, por que que as Jessica e Mateus ligariam?

Quando se tem quatro anos, você não tem muitas preocupações, depois de ir para escolinha, a sua única tarefa é brincar, descobrir o mundo, se divertir, e é claro não pintar fora da linha do desenho e também nunca se esquecer de que os meninos vestem azul e as meninas rosa. É isso que as três crianças faziam agora, se divertiam, cada um com sua brincadeira, Mateus com suas atividades de menino, Jessica com suas brincadeiras de menina, e Beatriz, a irmã mais nova, com suas brincadeiras de bebê de dois anos, que, nesse momento, era com um brinquedo em formato de cubo cheio de buracos em formato de formas geométricas, como trapézio, estrela, círculo, triângulo, etc. Nele, ela tinha que encaixar a sua respectiva peça, que possui a mesma forma geométrica do que o buraco. Beatriz tentava enfiar uma peça redonda da cor azul, um círculo em um buraco quadrado que seria na realidade do cubo, e por isso a peça não passava. Falando assim, o brinquedo não parece tão divertido, mas só essa brincadeira já está desenvolvendo várias sabedorias de Beatriz, com essa única atividade, ela aprende sobre formas, cores, funções motoras, habilidades manuais e também a reconhecer padrões. Mal sabe Beatriz que isso é só o começo da vida dela nesse mundo de padrões. Mal sabe ela que, quando crescer, o quanto ela vai sofrer para se encaixar em padrões que são simplesmente irreais, e nesse processo todo de insatisfação com o próprio corpo por não parecer com o que mostra o Instagram das famosas, ela sofrerá bullying dos colegas da escola, por ser a gorda da turma e vai começar desde cedo no mundo das dietas malucas, e que em toda vez que ouvir uma “piada” ou comentário gordofóbico. E que logo depois dela falar que não gostou da “piada”, ela vai ser mesmo assim, obrigada a ouvir que tudo não passou de uma brincadeira, “eu só estou brincando”, mesmo que aquilo não tenha tido graça, e tenha a entristecido, e que provavelmente a fará chorar quando estiver sozinha e, fazer ela chegar à conclusão de que odeia o próprio corpo, que a sua própria carne a incomoda e que ela simplesmente não suporta suas curvas.

Mas por enquanto Mateus e Jessica só têm quatro anos, e Beatriz só tem dois anos, por que contar para eles o futuro, se quando ele chegar já será algo bem complicado? Então por enquanto, quando eles são apenas crianças brincando no chão do quarto, vamos omitir, fingir na verdade, e dizer que as duas meninas futuramente, quando forem moças, não serão julgadas pelas roupas que usam, “esse shorts está muito curto”, podendo ser assediadas por usarem roupas de verão, “mas foi só um ‘fiu fiu’, o que tem de tão ruim?”. Vamos fingir que elas não terão que lidar com uma tripla jornada de

trabalho, emprego, casa e filhos, e que com certeza terão “ajuda” total do mesmo homem que diz que as ama, sim com certeza o marido delas irá “ajudar” elas com as tarefas de pais e tarefas domésticas, e que não dará a desculpa: “estou muito cansado, trazer o sustento dessa família me dá muito trabalho, e por conta disso eu não preciso fazer a comida que como, lavar as roupas que visto, lavar os objetos que uso, limpar a casa onde vivo e cuidar dos filhos que eu tive!”, mesmo ele sabendo que a mulher dele também trabalha e ainda assim faz tudo isso. E vamos fingir também que Jessica e Beatriz, em primeiro lugar, conseguirão se formar, mesmo sem incentivo da família, pois esses estão reservados pro Mateus. E que em segundo lugar, quando conseguirem trabalho, não serão inferiorizadas e assediadas por seus chefes, e que receberão o mesmo salário que os homens que cumprem o mesmo cargo na empresa. E, além disso, vamos torcer para que elas escolham profissões de meninas, já pensou que absurdo elas quererem ser engenheiras?

E no caso do Mateus vamos fingir que ele não nasceu homossexual, e que ele não terá que atuar, que ele não terá que viver um teatro, que ele não terá que interpretar um personagem que não é ele, um personagem heterossexual, que se casará com uma mulher, terá filhos, mesmo não sendo apaixonado por ela, e que isso não vai atormentar a vida dele durante todos esses anos, que isso não vai fazer de Mateus um homem depressivo, frustrado. Que isso não fará de Mateus uma farsa. Além disso, vamos fingir que ele não terá que fazer isso tudo, só porque seus pais estão ultrapassados, presos a preconceitos, vamos fingir que os pais de Mateus não são homotransfóbicos, que o pai dele nunca o disse “eu não suporto veadinho, ainda bem que meu filhão é macho” e que ele nunca ouviu a mãe dizer “já pensou um filho ‘bixa’? Seria uma vergonha para minha família!”. Ademais, vamos fingir que ele não sofrerá homofobia na adolescência, e que ele nunca vai escutar “piadas” preconceituosas sobre sua orientação sexual, que sempre terminam com o agressor dizendo “eu só estou brincando” e com Mateus se culpando de ter nascido assim. Vamos fingir também, que mesmo Mateus sendo estimulado pela família a estudar, ele terá a oportunidade de ser o que quiser, será encorajado, mas é claro ser o que quiser desde que seja medicina, direito ou engenharia, é óbvio. E que quando se formar em direito, mesmo sabendo que não gosta disso, e começar a trabalhar, ele ficará cada vez mais triste e ansioso, mas ele não pode parar, ele tem que continuar produzindo, e escutará de seus chefes: “produza, produza, não pare de produzir, tempo é dinheiro e dinheiro é minha religião”. Assim, vamos fingir ainda que tudo isso acumulado não irá refletir no seu comportamento dentro de casa, com violência, agressões físicas e verbais, um divórcio às pressas, um alívio para sua ex-esposa e que Mateus não ficará cada vez mais distante dos filhos. Se tornando para seus filhos aquilo que seu pai foi um dia para ele, mas não podemos julgá-lo, ele aprendeu a ser assim com os melhores não é mesmo.

Realmente a infância é a nossa melhor fase. Onde as brincadeiras são realmente brincadeiras e não preconceito e intolerância com outros nomes. Onde não se diz “eu só estou brincando” logo após de falar xingamentos, chacota, gordofobia, misoginia, homotransfobia, racismo. Mas será que a culpa é só do agressor? Será que não existe algo maior por traz influenciando para que ele seja assim? Que por conta de seu passado e suas influências, não tenha ajudado a torná-lo uma pessoa “escrota”? Será que não é algo enraizado na sociedade? Então no fim não seria melhor que ao invés de só reproduzirmos o que aprendemos com nossos pais, principalmente as questões preconceitos, não mudássemos de opinião e de postura? Para assim não agredirmos e ofendermos ninguém. Para assim não continuarmos presos à infância, que mesmo crescidos e com vários anos para contar, não continuemos a brincar, mas agora não mais de carrinho ou boneca, mas sim com as outras pessoas. Além disso, é importante refletir o porquê de isso tudo acontecer, o porquê que Mateus não

consegue ser ele mesmo, o porquê que Jéssica e Beatriz não conseguem serem elas mesmas. E notar todos os estereótipos e pensamentos machistas e preconceituosos enraizados na sociedade. “Mas será mesmo que ainda tem intolerância em nossa sociedade? Claro que não, pelo menos vamos fingir que não, não é mesmo?!”. Reconhecer os nossos privilégios e as influências erradas que nos rodeiam e, não reproduzi-las mais, é como se estivéssemos retirando blocos de um muro de tijolos, para podermos ver a vista que esse muro esconde. Isso é o que chamamos de desconstrução. Imagina se todos tivessem a iniciativa de tirar esses tijolos do muro, como seria a visão que teríamos? Não sei como descrever uma paisagem de felicidade, respeito e reciprocidade, mas sei que quero ter a oportunidade de respirar o ar de um ambiente assim, e você?



Condição da Educação Brasileira como reflexo dos processos de sub dependência da américa latina.

Por Felipe Augusto

Ao analisarmos as condições pelas quais o cone sul foi colonizado vemos que isso deu-se por um processo unilateral de exploração, que trata-se basicamente da escravização moderna dos povos negros, provenientes do continente africano, e dos indígenas nativos. Este que foi para além de um recurso europeu para explorar a mão de obra e as riquezas do Novo Mundo, tornou-se algo infundado e estruturado em nossa sociedade e as consequências desse método refletem-se hoje num racismo estrutural que pode ser visto na marginalização dos povos explorados, além da América Latina continuar a margem de um sistema de desenvolvimento desigual.

Mesmo que a América Latina tenha passado por processos de independência, esta região continua sendo algo estratégico para as potências mundiais explorarem e manterem sua soberania numa condição onde continuamos dependentes dessas nações e desempenhamos um papel submisso. Porém, por que continuamos a nos subjugar a isso? Basicamente porque há uma elite com interesses, principalmente no agronegócio que não vê com bons olhos a industrialização nem a autonomia do nosso mercado e prefere nos manter em um sistema onde vendemos produtos básicos e importamos manufaturas que necessitamos. Esse sistema, chamado de Sistema de Dependência, se torna bem insustentável quando o preço de produtos básicos é muito inferior ao dos industrializados que importamos.

Com isso, pensar sobre educação e desenvolvimento científico, aos olhos dessa elite, parece ser um problema, já que partem sempre de uma perspectiva emancipatória do povo, dá a ele uma identidade, o faz reconhecer-se como pertencente ao lugar onde está e este lugar como algo pertencente a ele. Além de desenvolver pesquisa, ciência e tecnologia, incentivando assim, a indústria e o mercado que fomentam a real independência de nosso país.

Dessa forma, e dentro da onda conservadora em que vivemos, percebemos que os governos brasileiros nunca trataram a educação com a seriedade com que deveria, mesmo os mais progressistas possuíam políticas públicas muito restritas, visto que essas políticas não vinham acompanhadas de um projeto reformista e transformador, e isso inviabilizou que os processos de aprendizagem fossem de fato algo emancipatório das massas.

Darcy Ribeiro, antropólogo estudioso na área da educação, dizia que a “educação brasileira não é uma crise, é um projeto” e que podemos afirmar isso dadas as nossas condições de subdesenvolvimento e dependência, dos interesses da elite latifundiária e por estarmos em um continente construído a base de exploração e escravidão, onde ainda há um racismo estrutural e marginalização dos povos outrora escravizados, onde segregá-los ainda parece ser algo viável.

A atual maneira que o Brasil trata a educação, sabotando-a, nada mais é do que a reprodução desse Sistema de Dependência, que busca a todo custo distanciar o povo daquilo que lhe pertence, visto que a educação, a pesquisa e o desenvolvimento científico é uma rota para quebrar nosso processo de subdesenvolvimento e finalmente nos tornar independentes.

Para que haja uma educação realmente transformadora devemos entender que esta deve reconhecer e protestar contra as injustiças, contra a exploração e a violência, trazendo consigo um projeto de real ação revolucionária capaz de romper com a dependência e nos assegurar nossa identidade e soberania nacional.

Escola: a Saúde mental: SOCORRO, DEUS, ME TIRA DAQUI!

Por Davi Botelho

O livro "Saúde mental na escola", organizado pelo autor Gustavo M. Estanislau, é uma obra literária de cunho científico constituída por 19 artigos que destrincham o papel da escola e afirmam que, entre muitos outros, este reside no desenvolvimento e promoção da saúde mental. Sob o mesmo ponto de vista, as escolas brasileiras têm a mesma relevância social descrita por Estanislau, e sua importância para a evolução pessoal dos alunos é determinante. Entretanto, convém salientar o fato de que, em conformidade com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) veiculados no site de telejornalismo G1, somente 16% dos estudantes brasileiros entrevistados durante uma pesquisa afirmam estar emocionalmente bem, e 84% apontam as situações do ambiente escolar como uma das principais causas para o estado de sua saúde mental. Em virtude disso, evidencia-se a necessidade de reverter tal realidade social através de artifícios eficazes.

Em primeiro lugar, é importante destacar que a sociedade brasileira está estruturada em estigmas sociais que fazem com que, desde cedo, as pessoas não aprendam a lidar com seus sentimentos, em especial os meninos, devido aos paradigmas patriarcais que rechaçam e moldam suas personalidades. Nesse sentido, as pessoas acabam por não conseguir expressar corretamente as emoções, e esse fato é agravado devido às más situações no ambiente escolar. Por estar na adolescência e ainda não ter consolidado sua identidade, o estudante pode ter seu sofrimento agravado e sua saúde mental prejudicada.

Por conseguinte, conforme as teses de Estanislau, tais impasses podem acabar se tornando estruturais, o que, de forma contínua, irá interferir nas várias facetas de uma vida comum. Para o indivíduo, isso pode acarretar impactos de diversas naturezas, como o sufoco emocional – enquanto que, para o grupo social como um todo, pode-se citar a precarização e o esvaziamento das relações sociais.

Logo, pode-se inferir que aprendizagem e comportamento socioemocional são dois conceitos que devem ser tratados como interdependentes..

Em virtude do exposto, pode-se entender que são necessárias medidas que diminuam as más situações geradas no ambiente escolar. As escolas devem contar com a estrutura necessária com o intuito de atender a demanda desses jovens, disponibilizando atendimentos com os profissionais da instituição. Ademais, técnicos e docentes não devem medir esforços a fim de reduzir as situações de sofrimento e seus efeitos sobre a vida dos discentes.

Texto baseado no livro Saúde mental na Escola, de Gustavo M. Estanislau.



Clube de leitura do câmpus Jundiaí

Por Davi Botelho

O "Clube de leitura" é um projeto pedagógico/institucional desenvolvido pelas professoras de Língua Portuguesa, Espanhol e Inglês Mariana Daré e Gabriela Alias, com a colaboração dos discentes Grazieli Batista e Davi Botelho. O projeto foi desenvolvido objetivando a democratização do acesso à leitura e seu fomento entre os estudantes do Curso técnico em Logística integrado ao ensino médio, a partir do trazer de um pouco da experiência de participar de um Clube de leitura e todas as sensações envolvidas para dentro da escola. Os encontros são realizados mensalmente, em sua maioria nas últimas sextas feiras dos meses e, em uma hora, os participantes compartilham experiências, impressões, enredos e personagens dos livros lidos. Ah, é importante dizer que eles são escolhidos pelos próprios participantes a partir de um eixo temático estabelecido em conjunto, que não é necessário ser um membro fixo e que ouvintes são sempre bem-vindos. Projetos como esse são importantes para que a escola, enquanto Instituição de autarquia federal, cumpra seu papel para a formação de seres sociais críticos e engajados, por meio de ações educativas que auxiliam no crescimento pessoal e acadêmico dos alunos, além de ser determinante para o desenvolvimento de uma visão de mundo mais aguçada.

Além disso, é importante ressaltar que o Clube é mais um exemplo do chamado protagonismo estudantil, visto que os estudantes têm liberdade para atuar como protagonistas nesse tipo específico de processo de aprendizagem. Assim, é possível ter acesso a conhecimentos gerais contidos nos livros, trocar interpretações e, em algumas vezes, conversar sobre realidades sociais que acabam por vir à tona nas conversas. Por conseguinte, os conhecimentos adquiridos são melhor integrados à vida cotidiana e corroboram para a formação de uma bagagem sociocultural de extrema relevância.

Infelizmente, muitos estudantes ainda encaram a leitura como algo tedioso. Entretanto as reuniões têm, aos poucos, desmistificado esse tipo de pensamento, mostrando que, sim, ler pode ser algo divertido que desperta a curiosidade e a criatividade. É sempre bom lembrar que, ao final dos encontros, um café nos aguarda. Venha fazer parte!

Processo Seletivo IFSP 2020

Por Paula Lúcio

Levando-se em conta às últimas notícias difundidas pelo sítio eletrônico do Instituto Federal de São Paulo, o edital com as regras do Processo Seletivo para o primeiro semestre de 2020 fora propagado e comunicado nesta terça-feira (17).

As inscrições são gratuitas e devem ser realizadas de 23 de setembro a 10 de novembro. Para tal, é imprescindível a efetuação de uma leitura minuciosa das informações compreendidas no edital e a criação de um cadastro no portal <https://processoseletivo.ifsp.edu.br>, além do preenchimento do formulário de inscrição e o questionário socioeconômico.

Mediante o oferecimento de cursos em três modalidades diferentes - curso técnico integrado ao ensino médio, curso técnico concomitante ao ensino médio e curso técnico subsequente ao ensino médio -, a seleção dos candidatos será realizada a partir da análise de histórico escolar. Os candidatos devem inserir as notas das disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa. Assim sendo, não há provas!

Participe e **VEM SER FEDERAL!**

Apenas uma despedida

Grazieli Batista

Amor, relativo ao momento
Como o que sinto por você
Às vezes acho que somos destinados a ficar juntos
E outras, acho que devo ficar longe do seu peito

Amor, será que somos o suficiente?
Para preencher o vazio um do outro
Ou somos apenas buracos negros
Que sugam a energia um do outro

Te prendo, não quero te deixar
Mesmo sabendo que não é real
Você pertence a outra
E me demonstrou isso
Eu que estava cega, de amor

Tudo gira
E não aceito
Como curar essa ferida no meu peito
Que insiste que o remédio é esse seu amor sem jeito

Meus sentimentos são verdadeiros
E o seu é o veneno
Você me dosou com uma quantidade alta
Mas supero e sei que vou passar essa fase
Para isso te deixo, esse poema é feito para te dizer adeus
Adeus a esse amor que nunca foi verdadeiro.

Este foi um poema inspirado no livro "texto cruéis demais para serem lidos rapidamente" escrito por Igor Pires da Silva. Ele demonstra temas cotidianos, experiências pessoais e relatos. Ao ler cada poesia sentimos diversos sentimentos como o medo, aflições, temos pensamentos e podemos até relembrar memórias. Vale a pena ler!